



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 13, set. 2020**  
**ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380**

## **EIXO 13 - EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. ESTUDOS DA LINGUAGEM.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.13.27>

Recebido em: **29/07/2020**

Aprovado em: **04/08/2020**

LINGUAGEM REGIONAL: UM ESTUDO ESTILÍSTICO A PARTIR DE POETAS  
NORDESTINOS; REGIONAL LANGUAGE: A STYLISTIC STUDY FROM NORTHEAST  
POETS; LENGUA REGIONAL: UN ESTUDIO ESTILÍSTICO DE POETAS DEL NORESTE

MARIA CLARA RABELO DE MENEZES

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1643-1801](https://orcid.org/0000-0003-1643-1801)

KARINA SALES VIEIRA

<https://orcid.org/0000-0002-7763-8569>

## **RESUMO**

Este artigo trata da importância da estilística para melhor apreciação de um texto literário, sobretudo, ao que concerne à manifestação poética nordestina, frequentemente marcada por aspectos peculiares da região como a variação e desvios linguísticos, algumas vezes intencionais. Nessa perspectiva, articulado a essas reflexões apresentamos a análise das poéticas de Castro Alves, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga e Bráulio Bessa. A pesquisa, sustenta-se em uma investigação qualitativa, com amparo nos parâmetros gramaticais, linguísticos e extralinguísticos empregados pela Estilística. O estudo apontou um estilo atravessado por problemáticas enfrentadas pelos nordestinos: fome, a seca, a injustiça, a desigualdade social, junto ao preconceito linguístico e regional.

## **ABSTRACT**

This article deals with the importance of stylistics for a better appreciation of a literary text, especially with regard to the northeastern poetic manifestation, often marked by peculiar aspects of the region, such as linguistic variation and deviations, sometimes intentional. In this perspective, articulated to these reflections, we present the analysis of the poetics of Castro Alves, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga and Bráulio Bessa. The research is based on a qualitative investigation, based on the grammatical, linguistic and extralinguistic parameters employed by Estilística. The study pointed to a style crossed by problems faced by Northeasterners: hunger, drought, injustice, social inequality, along with linguistic and regional prejudice.

## **RESUMEN**

Este artículo aborda la importancia de la estilística para una mejor apreciación de un texto literario, especialmente con respecto a la manifestación poética del noreste, a menudo marcada por aspectos peculiares de la región, como la variación lingüística y las desviaciones, a veces intencionales. En esta perspectiva, articulada a estas reflexiones, presentamos el análisis de la poética de Castro Alves, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga y Bráulio Bessa. La investigación se basa en una investigación cualitativa, basada en los parámetros gramaticales, lingüísticos y extralingüísticos empleados por Estilística. El estudio señaló un estilo atravesado por los problemas que enfrentan los nordestinos: hambre, sequía, injusticia, desigualdad social, junto con prejuicios lingüísticos y regionales.

## 1 INTRODUÇÃO

Estimar sobre a linguagem é sempre um grande desafio, pois ao abordá-la aniquilamos sua essência, dizíamos na fala e na escrita as possibilidades de dizê-la, em razão de que as coisas não são fáceis de dizer. Segundo Rilke (2009, p.23), “a maioria dos acontecimentos é indizível, realiza-se em um espaço que nunca uma palavra penetrou, e mais indizíveis do que todos os acontecimentos são as obras de arte”. Nessa incansável tentativa de dizer, chegamos sempre mais perto do não dito. No entanto, nessa circularidade da linguagem, muitos recursos são disponibilizados para serem pensados, explorados. Nessa perspectiva, emerge a Estilística, uma disciplina que estuda a expressividade, a sua capacidade de emocionar e fazer sugestões (CÂMARA, 2004).

A Estilística centra-se no texto, nos fenômenos relacionados às marcas de afetividade e criatividade que, em qualquer nível da linguagem, singularizam dada produção (HENRIQUES, 2018). Ela estuda os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras. Além disso, estabelece princípios capazes de explicar as escolhas particulares feitas por indivíduos e grupos sociais no que se refere ao uso da língua. Ademais, possui um conjunto de tendências e características formais que são capazes de diferenciar obras ou escritores de acordo com suas marcas estilísticas dentro do texto, ou seja, através do estilo. Segundo Henriques (2018, p. 27), pode-se compreender o “[...] estilo como o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e discursivos da língua para expressar [...] pensamentos, opiniões, etc.” Elia (1978) apud Jadel (2013, p. 3) acrescenta, estilo é “o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua”.

Nesse contexto, o presente artigo versa sobre um dos conceitos estudados pela Estilística, o estilo de escrita dos autores. Foi feita uma análise objetiva dos poemas escolhidos para este trabalho dos autores Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Bráulio Bessa e Castro Alves. Os *corpora* foram as músicas *Asa Branca* e *Pense N'eu*; os poemas *Festa da Natureza* e *As três irmãs do poeta*, além de um cordel, com o título *Fome*. Priorizou-se uma análise dos dados expressivos mais evidentes com a exploração dos recursos da estilística, pautando-se em uma abordagem qualitativa, de modo a apresentar análises estilísticas dos textos poéticos supracitados, ao tempo que evidenciamos os recursos linguísticos explorados (sobretudo, nas manifestações poéticas nordestinas, marcadas por desvios e variações linguísticas), para melhor apreciação de um texto literário.

## 2 ALGUNS APECTOS CONCEITUAIS DA ESTILÍSTICA

Poetas, compositores, cronistas, cordelistas, romancistas entre outros, usam a palavra, seu principal instrumento de trabalho, não apenas como elementos comunicativos, mas, principalmente como possibilidades interpretativas inesgotáveis. Um elemento lexical pode adquirir valores diversos dentro de uma obra literária, a partir do uso variado que se faz dele, esse uso peculiar pode ser caracterizado por estilo. Ele pode ser definido como tendências que identificam ou diferenciam a obra, ou escritor, podendo ser o modo pelo qual o indivíduo usa os recursos da língua para se expressar (HENRIQUE, 2008). Nessa perspectiva, a Estilística moderna “se configura entre a Linguística e a Crítica sendo, portanto, o lugar para o estudo do estilo” (COMPAGNON, 1999, p. 166).

Charles Bally, a partir de suas percepções, a pluralidade de valores e sentidos que podem ser expressos por uma única palavra, sistematizou a Estilística moderna (MONTEIRO, 2005, p. 13). Ele reconheceu os itens lexicais como uma fonte inesgotável de afetividade, mesmo discordando de algumas das teorias de Saussure (seu mestre) para o qual “o significado só pode ser concebido em

termos de conceito, ignorando o grande campo dos seus valores afetivos, o que mais tarde se tornou o próprio objeto da Estilística” (MONTEIRO, 2005, p. 14).

Guiraud (1970) salienta a Estilística como uma disciplina que objetiva analisar a expressividade de uma língua e a habilidade de emocionar o público através da escolha do estilo. Já para Coelho e Araújo (2016), a mesma é vista como uma ciência que tem por evidência a arte de escrever e falar, com vistas à norma padrão. Já Azevedo (2012) entende a Estilística como uma disciplina responsável por estudar a língua através de sua função expressiva e apelativa. Cabe salientar que, de acordo com seu criador, Charles Bally é através dessa matéria que é possível identificar na fala, alguns traços afetivos.

Embora a estilística seja um campo conceitual bem diverso, há nela recursos usados para se fazer as análises, distribuindo-se em: Estilística Fônica, a Morfológica, a Sintática e a Semântica. Pode-se assim definir a Estilística “[...] como a disciplina que estuda os elementos de expressividade da linguagem, isto é, os elementos capazes de impressionar, emocionar, suggestionar, convencer” (BERNARDO, 2012, p. 69).

Dentro dessa perspectiva, por meio dos parâmetros gramaticais, linguísticos e extralinguísticos utilizados pela Estilística é possível analisar e caracterizar o estilo dos textos de diferentes gêneros, a exemplo da música, da poesia e até mesmo da prosa. Os quatro campos da Estilística citados no parágrafo anterior que são muito utilizados e estão presentes na maior parte das produções, são explorados pelos escritores, poetas e compositores. É pertinente destacar que, para se definir um estilo textual é preciso compreender o significado do conceito. Sendo assim, estilo é “[...] o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua” (JADEL, 2013 apud ELIA, 1978, p. 3).

Destarte, a Estilística permite à subjetividade do leitor visualizar diferentes aspectos e possibilita inúmeras interpretações a partir de um mesmo texto. Essa maleabilidade de interpretações é possível em função das escolhas linguísticas feitas pelo autor. Através dos elementos selecionados em seu discurso, o mesmo consegue restringir a um, ou adicionar múltiplos sentidos e interpretações para os leitores. Os recursos estilísticos possibilitam que o autor explore diversas vertentes e estilos textuais, permitindo a exteriorização de sentimentos, ideias e informações. “Esses recursos podem ser utilizados de formas particulares, como marca de determinado autor ou como reflexo de determinados grupos sociais, movimentos, etc., dentro de uma dada língua” (PEREIRA; GRANJEIRO; XAVIER, p.144, 2013). Sendo assim, para fazer uma análise condizente aos parâmetros, é necessário observar os critérios, elementos e aspectos textuais desde os gramaticais aos discursivos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **Poesia 1**

Asa Branca foi escrita em 1947 por dois compositores nordestinos, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro, viveu por 77 anos. Nesse tempo foi sanfoneiro, cantor, compositor e recebeu o título de “Rei do Baião”. Ele valorizou os ritmos nordestinos e levou o baião, o xote, o xaxado para todo país. Compôs e cantou inúmeras músicas, dentre elas “Asa Branca”, considerada o hino da música popular brasileira.

#### **ASA BRANCA**

(Luiz Gonzaga)

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar ai pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

Na primeira estrofe da música, notamos o uso da metáfora ao comparar a seca a uma “fogueira de São João”, são duas coisas bem peculiares da região nordeste à qual ele faz referência. Além disso, o compositor trouxe uma indagação onde fica visível a sua sensibilização, quando ele diz: “eu perguntei a Deus do céu, ai, por que tamanha judiação?” Repete-se esse mesmo verso duas vezes, para enfatizar o sofrimento do povo sertanejo.

Na segunda estrofe, percebemos a comparação da seca a um “braseiro e fornaia”, pois ocorre muitas queimadas durante o verão nessa região em função do sol, do calor e da terra muito seca. Não há plantação nem vida, “por falta d'água” (chuva) morreram o gado e o cavalo: “perdi meu gado, morreu de sede meu alazão”. Pode-se perceber a antítese entre água e sede para destacar a carência de chuva na região. Além disso, o segundo verso rima com o quarto.

Na terceira estrofe, sem esperanças, até mesmo a asa branca foi embora do sertão, esse trecho confirma a referência ao sertão nordestino. A Asa Branca é um pássaro que, segundo o povo nordestino, traz esperança de chuva à região, mas, ao partir, ela os deixou tristes, pois a esperança havia sumido, fugiu. Assim, o título da canção traz um apelo para que a Asa Branca voltasse a pairar nos ares do sertão, para trazer esperança e alegria novamente a essa gente sofrida. Assim, como o pássaro, o eu lírico também bateu asas para longe, foi pairar em novos ares em busca de esperança em outro lugar, deixando seu amor, Rosinha: “entonce eu disse, adeus Rosinha”, e usou a metáfora “guarda contigo meu coração”, e voou... foi embora.

Na quarta estrofe, Luiz Gonzaga fala da solidão, da saudade de sua terra e de sua amada, “Hoje longe muitas léguas, nessa triste solidão”, a esperar pela chuva para que junto a ela também volte para a sua terra: “espero a chuva cair de novo pra eu voltar pro meu sertão”. Na quinta estrofe, o eu lírico

acalenta sua amada para que ela não sofra, garantindo que voltaria assim que tudo estivesse verde como seus olhos “quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação eu te asseguro não chore não viu”, e usa a prosopopeia: “eu voltarei viu, meu coração”.

Vale ressaltar que o cantor repete sempre os dois últimos versos de cada estrofe, que são enfáticos aos sentimentos e sensibilização nas seguintes palavras: “judiação”, “tristeza”, “perdi”, “triste solidão”. Ademais, um fator muito importante e marcante não só nessa canção, mas, na maioria das músicas do Rei do Baião, há uma riqueza regional, onde Gonzaga traz o barbarismo e a variação linguística, há palavras escritas e cantadas da forma que é falada coloquialmente, sua cantiga tem em seu cerne traços da oralidade nordestina, é possível constatar através das expressões: “fornaia”, “d’água”, “inté”, “entonce” e “vortar” que estão presentes nessa canção. A variação linguística e os dialetos são: “um fenômeno cuja espontaneidade não podemos deter nem governar, é uma força viva que surge das massas populares ao impulso de tendências lógicas e naturais” (MARROQUIM, 2008, p. 18).

## **Poesia 2**

A música *Pense N’eu* foi composta em 1984 por Luiz Gonzaga Jr. conhecido como Gonzaguinha (1945-1991) filho de Luiz Gonzaga, também era cantor e compositor assim como o pai. A canção foi gravada pelo Rei do Baião no mesmo ano em que foi escrita. Gonzaguinha carregava grande talento, no entanto, quando de fato começou a fazer sucesso com sua carreira de cantor, sofreu um acidente automobilístico e morreu aos 45 anos, em 29 de abril de 1991.

### **PENSE N'EU**

#### **(LUIZ GONZAGA E GONZAGUINHA)**

Pense n'eu quando em vez coração  
Pense n'eu vez em quando  
Onde estou, como estarei

Se sorrindo ou se chorando  
Se sorrindo ou se chorando

Pense n'eu vez em quando  
Pense n'eu vez em quando

Pense n'eu quando em vez coração  
Pense n'eu vez em quando.

Tô na estrada e tô sorrindo apaixonado  
Pela gente e pelo povo do meu país

Tô feliz pois apesar do sofrimento

Vejo um mundo de alegria bem na raiz  
Vamos lá  
Alegria muita fé e esperança  
Na aliança pra fazer tudo melhor

E será

Felicidade o teu nome é união  
E povo unido é beleza mais maior

Pense n'eu quando em vez coração  
Pense n'eu vez em quando.

Onde estou, como estarei  
Se sorrindo ou se chorando  
Se sorrindo ou se chorando  
Pense n'eu vez em quando  
Pense n'eu vez em quando

Tô na estrada e tô sorrindo apaixonado  
Pela gente e pelo povo do meu país  
Tô feliz pois apesar do sofrimento  
Vejo um mundo de alegria bem na raiz

Vamos lá  
Alegria muita fé e esperança  
Na aliança pra fazer tudo melhor  
E será  
Felicidade o teu nome é união  
E povo unido é beleza mais maior.

Na primeira estrofe observa-se uma inversão na ordem do verso: “pense n'eu em quando em vez”, além de o autor escrever n'eu ao invés de “mim”, isso é um dos traços da oralidade e do regionalismo presente em suas canções. Além disso, há uma repetição muito grande das palavras: “chorando” e “quando”, que traz a terminação de “ando”; assim como, há repetição de “sorrindo” com a terminação de “indo”, o que dá a ideia de ele está partindo, em movimento. A partícula “se” aparece em todos os versos dessa estrofe, o que remete à noção de tempo e incertezas, já que o futuro é algo incerto: “onde estou”, “como estarei”. Há ainda, a aliteração das letras: S, C, P e Q, e a personificação na seguinte expressão: “Pense n'eu coração”.

Na segunda estrofe percebemos um eu lírico que está a ir embora, quando na música diz: – “tô na estrada” e “vejo um mundo de alegria”. Esse trecho traz palavras positivas como: a fé; felicidade; união; paixão; alegria; beleza e sorriso todas sinônimas da felicidade. Mesmo com a antítese do sofrimento e mesmo estando partindo, enxerga-se na raiz do povo e do país: a “beleza mais maior”, expressão representando o coloquialismo. Dessa forma, reforça a tese de que o Rei do Baião abriga em suas canções uma riqueza regional, linguística e discursiva imensurável, tendo em vista que o mesmo não só cantava como também escrevia de acordo com a oralidade, isso é constatado nas expressões: “tô”; “pense n'eu”, “mais maior” e “quando em vez”.

### Poesia 3

O poema intitulado “A festa da Natureza” foi escrito por Antônio Gonçalves da Silva conhecido como: Patativa do Assaré (1909-2002), foi um poeta, cordelista e repentista brasileiro que nasceu no Ceará. É considerado um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples e coloquial, estudou muito pouco, apenas até aprender a ler, mas não aprendeu a escrever. Dessa forma, seus poemas trazem muitos traços da oralidade e desvios da língua tanto falada quanto escrita, embora poética, retratava e descrevia a vida sofrida e árida do povo do sertão em suas poesias.

#### A FESTA DA NATUREZA

(Patativa do Assaré)

Chegando o tempo do inverno,

Tudo é amoroso e terno,

Sentindo o Pai Eterno

Sua bondade sem fim.

O nosso sertão amado,

Estrumicado e pelado,

Fica logo transformado

No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza

A gente vê com certeza

Que a musga da natureza

Tem riqueza de incantá.

Do campo até na floresta

As ave se manifesta

Compondo a sagrada orquesta

Desta festa naturá.

Tudo é paz, tudo é carinho,

Na construção de seus ninho,

Canta alegre os passarinho

As mais sonora canção.

E o camponês prazentero

Vai prantá feijão ligero,

Pois é o que vinga premero

Nas terras do meu sertão.

Na poesia em tela, é possível perceber a natureza retratada fazendo referência à chegada do inverno, estação do ano que traz esperança e alegria ao povo sertanejo, e vida à plantação. As palavras “estrumicado” e “pelado” são usadas para se referir ao solo seco e sem plantios, devido ao clima semiárido do sertão nordestino, lugar de origem do eu lírico. As palavras na primeira estrofe: “chegando e sentindo” indicam movimento e passagem do tempo, bem como do clima e das estações, muito embora, o clima que prevalece é o quente, mesmo com o passar das estações, sendo o inverno uma restauração à alegria desse povo, ver a “musga” da natureza (que quer dizer verde no dito popular). Até os pássaros se alegram, e os camponeses se põem a plantar e “vai prantá feijão ligero, pois é o que vinga premero”, essa expressão traz um alimento essencial à economia e agricultura nordestina, o feijão, pois a região é uma grande produtora.

Há uma repetição muito grande das seguintes terminações, na primeira estrofe: “erno” e “ado”. Na segunda estrofe: “eza” e “esta”. Na terceira: “inho” e “erro”, essas repetições revisitam as características da Estilística Fônica. Além disso, se juntarmos algumas palavras finais dos versos da primeira estrofe formamos: “a natu-reza a flo-resta as aves se mani-festa” quando a chuva cai e o verde da natureza, se refaz.

Para tanto, assim como, nas canções de Luiz Gonzaga, nessa poesia de Antônio Gonçalves da Silva (Patativa), observam-se desvios linguísticos, no entanto, nessa poesia é sem intenções, já que o poeta desconhece as normas cultas da língua, pois, era iletrado, ao contrário de Gonzaga. Esses desvios podem ser encontrados em “estrumicado”, “incantá”, “prantá”, “feijão”, “orquestra” “naturá”, “premero” e “ligero”, palavras tipicamente faladas pelos nordestinos, sobretudo, os mais idosos, por não terem sido alfabetizados e por ser uma variação linguística própria da região que foram repassadas entre as gerações mais antigas.

Ademais, Patativa mesmo com a falta dos estudos, assim como muitos outros poetas, utiliza-se da fonologia para escrever versos em rimas, visto que “é a motivação sonora que especialmente justifica do ponto de vista estilístico a rima. O poeta se fixa, para ela, nos sons que a sua intenção poética condiciona, ou num vocábulo que é praticamente evocado pelos sons que encerra” (CÂMARA 2004, p. 45). Mesmo as palavras não sendo pronunciadas corretamente, apresentam rimas trazendo palavras de sonoridades parecidas ou com sufixos iguais, uma das características da Estilística fônica.

#### **Poesia 4**

Bráulio Bessa é o autor do cordel “Fome”, ele nasceu em Alto Santo no interior do Ceará no dia 23 de julho de 1985. Bráulio tem se destacado entre a nova geração de poetas brasileiros, ficou conhecido como o “embaixador do Nordeste” em função do poeta se utilizar de cordéis como principal forma de retratar e disseminar a cultura e tradição do povo nordestino. Além do sotaque peculiar, suas poesias apresentam também palavras e expressões típicas do vocabulário usado na região do Nordeste. Seus poemas e cordéis abrangem diversas temáticas, desde o regionalismo, motivacional a críticas políticas e sociais.

## FOME

(Bráulio Bessa)

Acrescentou na receita  
notas superfaturadas,

um quilo de desemprego,  
trinta verbas desviadas,  
rebolou no caldeirão  
vinte gramas de inflação  
e trinta escolas fechadas.

A maior ladra do mundo  
que nesse exato segundo  
roubou mais algumas vidas.

Do que é que a fome é feita  
se não tem gosto nem cor  
não cheira nem fede a nada

e o nada é seu sabor.  
Qual o endereço dela,  
se ela tá lá na favela  
ou nas brenhas do sertão?  
É companheira da morte  
mesmo assim não é mais forte  
que um pedaço de pão.

Que rainha estranha é essa  
que só reina na miséria,  
que entra em milhões de lares  
sem sorrir, com a cara séria,  
que provoca dor e medo  
e sem encostar um dedo  
causa em nós tantas feridas.  
A maior ladra do mundo  
que nesse exato segundo  
roubou mais algumas vidas.

Continuei sem saber  
do que é que a fome é feita,  
mas vi que a desigualdade  
deixa ela satisfeita.  
Foi aí que eu percebi:  
por isso que eu não a vi  
olhei pro lugar errado  
ela tá em outro canto  
entendi que a dor e o pranto

eram só seu resultado.

Achei seus ingredientes  
na origem da receita,  
no egoísmo do homem,

na partilha que é malfeita.  
E mexendo um caldeirão  
eu vi a corrupção  
cozinhando a tal da fome,  
temperando com vaidade,

misturando com maldade  
pro pobre que lhe consome.

Acrescentou na receita  
notas superfaturadas,  
um quilo de desemprego,  
trinta verbas desviadas,  
rebolou no caldeirão  
vinte gramas de inflação  
e trinta escolas fechadas.

Sendo assim, se a fome é feita  
de tudo que é do mal,  
é consertando a origem  
que a gente muda o final.  
Fiz uma conta, ligeiro:  
se juntar todo o dinheiro  
dessa tal corrupção,  
mata a fome em todo canto  
e ainda sobra outro tanto  
pra saúde e educação.

Este cordel abraça ainda mais o contexto não só regional, mas também social condição marcante do povo Nordeste que vive em situação precária, sem qualidade de vida, chegando a passar fome, como citado na segunda estrofe “qual o endereço dela, se ela tá lá na favela ou nas brenhas do sertão?”, isso nos faz refletir acerca das políticas públicas e a falta delas. Tanto o Nordeste quanto as favelas estão dentre os mais desfavorecidos dessa nação, a desigualdade, o desemprego, a fome, a miséria, o descaso e a indiferença são reflexos de uma política omissa e injusta.

Na segunda estrofe, assim como em todas de cima para baixo, ou o contrário, com as últimas palavras dos versos forma-se sempre uma ratificação do que a estrofe diz, observe na segunda estrofe: “Sem saber, é feita a desigualdade, ela satisfeita, percebi, não a vi, lugar errado, canto o pranto, seu resultado.” Assim é perceptível a ênfase de que a desigualdade foi algo criado e estão satisfeitos com seu resultado. Foi feita uma crítica direta à corrupção, e aos políticos, que desviam o dinheiro que deveria ir para a população, à Educação, escola e alimentação.

A desigualdade social é o retrato de um país com governantes injustos e desumanos. A poesia também é um modo de denúncia, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2002, p. 95). Além disso, é por meio da escrita, da música e da

poesia “que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2002, p.95). Além disso, na maioria de seus cordéis Bráulio sempre usa dialetos nordestinos, bem como: “ôxe”, “oxente”, “vixe”, “avexado”, “arribar”, “vôte”, etc.

## Poesia 5

Castro Alves (1847- 1871) foi o maior poeta social do romantismo brasileiro era nordestino, nasceu no estado da Bahia. O poema “As três irmãs do poeta” faz parte do seu livro de poesias intitulado de “Espumas Flutuantes” é sua obra lírica mais significativa e foi publicada em 1870. A obra de Castro Alves se destaca pela temática política, voltada para a defesa da Abolição e da República, pelas denúncias e críticas sociais, sobretudo no que concerne à escravidão e a liberdade, o poeta utilizava a Literatura para protestar, como uma ferramenta de luta e resistência, desse modo ficou conhecido como: “o poeta dos escravos”.

### AS TRÊS IRMÃS DO POETA

(Castro Alves)

É Noite! as sombras correm nebulosas.  
Vão três pálidas virgens silenciosas  
Através da procela irrequieta.  
Vão três pálidas virgens... vão sombrias  
Rindo colar num beijo as bocas frias...

Na frente cismadora do Poeta:  
"Saúde, irmão! Eu sou a Indiferença.  
Sou eu quem te sepulta a idéia imensa,  
Quem no teu nome a escuridão projeta...  
Fui eu que te vesti do meu sudário...  
Que vais fazer tão triste e solitário?..."

- "Eu lutarei!" - responde-lhe o Poeta.  
"Saúde, meu irmão! Eu sou a Fome.  
Sou eu quem o teu negro pão consome...  
O teu mísero pão, mísero atleta!  
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?)  
Virei sempre sentar-me à tua porta..."

- "Eu sofrerei"-responde-lhe o Poeta.  
"Saúde, meu irmão! Eu sou a Morte.  
Suspende em meio o hino augusto e forte.  
Marquei-te a frente, mísero profeta!  
Volve ao nada! Não sentes neste enleio  
Teu cântico gelar-se no meu seio?!"  
-"Eu cantarei no céu" - diz-lhe o Poeta!

Nesse poema, constatamos uma grande melancolia e sentimentos sombrios, evidenciada por meio de metáfora: a Indiferença, a fome e a morte como as três irmãs, ou seja, são coisas que têm uma relação muito próxima do poeta. O autor se utiliza de rimas mistas, tanto a cruzada quanto a emparelhada. Além disso, a personificação desses seres abstratos é usada para descrevê-los.

É perceptível uma luta contra esses “sentimentos” e “seres” que atormenta o poeta, onde na segunda estrofe é retratada: a indiferença como a culpada pela sua tristeza; solidão e falta de inspiração, ele romancista que era, estava sendo prejudicado. Na terceira estrofe, a fome tornou-se insaciável e estava a bater à porta continuamente (o que faz refletir que o autor poderia estar passando por dificuldades financeiras). A morte a perguntar se o seu canto acabaria em teu seio. Na segunda estrofe, é possível observar nas três últimas palavras a ênfase nas seguintes repetições: “Poeta, Indiferença, imensa”, na terceira: “Poeta, Fome, consome”, na quarta: “Poeta, morte, forte, profeta”, rimas sonoras que dão entonação ao poema.

Ao que concerne às três irmãs: Indiferença, fome e morte, são realidades que perseguem o povo nordestino e os das favelas que são marginalizados socialmente, não só aos poetas. De Castro Alves a Luiz Gonzaga, Bráulio e Patativa, poetas nordestinos que descrevem e fazem apelo à política e à sociedade, clamando por justiça e igualdade em diferentes épocas e contextos. É possível estabelecer relação com todas as obras supracitadas, pois, todas trazem problemas enfrentados pelos nordestinos, sobretudo, os sertanejos: a fome, a seca, a injustiça, a desigualdade social, junto ao preconceito linguístico, regional, religioso e até mesmo racial.

#### **4 CONCLUSÃO**

Em síntese, os aspectos linguísticos aqui analisados têm como propósito demonstrar que mesmo com os desvios gramaticais e as variações linguísticas, há uma riqueza singular nas entrelinhas das poesias, que revisitam o estilo de cada autor em diferentes épocas e contextos, representando seu lugar.

Por isso, não há motivos para o preconceito linguístico diante da peculiaridade do sotaque, dos dialetos, socioletos e neologismos nordestinos e demais regiões, eles são essenciais à cultura da região e também do país, pois são patrimônios imateriais públicos, transmitidos entre as gerações.

Para tanto, o estilo remete a algo muito particular de cada autor, que está além dos parâmetros e recursos linguísticos e estilísticos, é algo voltado à essência e à bagagem histórica/cultural/social de cada um. Assim, a Estilística tornou-se também uma ferramenta contra o preconceito linguístico, buscando entender os diversos contextos dos quais emergem a poesia. Demonstrando a riqueza presente nas entrelinhas da poesia, música, cultura e da arte nordestina.

Dessa forma, a Estilística auxilia a Linguística na busca da compreensão dos fenômenos linguísticos, que emergem a partir da língua e da linguagem, é por meio do processo sociointeracional que é possível analisar o surgimento de variações lexicais, morfológicas, semânticas e sintáticas, que advêm de vários fatores, tais quais: culturais, geográficos e históricos.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Luciano Taveira de. **Letras: Estilística**. Recife: UPE, NEAD, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BERNADO, Gustavo. **Redação inquieta**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
- CÂMARA JR., Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- COELHO, Fábio André; ARAÚJO, Lúcia Deborah. **Análise de texto e estilo: por uma leitura desacostumada na teoria e na prática**. Vol.26, n.26, 2016.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- ELIA, Silvio. **Orientações da linguística moderna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- GUIRAUD, Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- HENRIQUE, Claudio. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre o texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Alta bokks,2018.
- JADEL, Jardeni. **A Estilística aplicada a poemas como estratégia de leitura**. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. Maceió: UFAL, 2008.
- MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**. São Paulo: Vozes, 2005.

\* Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pelo Centro Universitário AGES (UniAGES), e-mail: clararabelo342@gmail.com

\*\* Doutoranda em Educação, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora no Centro Universitário AGES. Membro do grupo de pesquisa Educação e Contemporaneidade – EDUCON, e-mail: vieirask@hotmail.com